



CYBERBULLYING: INCIDÊNCIA, CONSEQUÊNCIAS E CONTRIBUTOS PARA O DIAGNÓSTICO NO ENSINO SUPERIOR

CYBERBULLYING: INCIDENCE, CONSEQUENCES AND CONTRIBUTIONS FOR THE DIAGNOSTIC IN THE HIGHER EDUCATION

Sidclay Bezerra de Souza¹
ssouza@campus.ul.pt

Ana Margarida Veiga Simão²
amsimao@psicologia.ulisboa.pt

Sofia Mateus Francisco³
sofifrancisco@gmail.com

RESUMO

O cyberbullying constitui-se como uma nova expressão do bullying enquanto agressão, ameaça e provocação de desconforto, premeditada e repetida, realizada com recurso de dispositivos tecnológicos de comunicação. Embora os estudos sobre cyberbullying sejam relativamente recentes, evidencia-se que o mal-estar afeta todos os atores do contexto educativo, sobretudo os que estão diretamente envolvidos (vítimas e agressores). Tendo como base os indicadores de alguns estudos realizados sobre a problemática, verifica-se a importância de estudos que busquem compreender o fenômeno de uma forma mais ampla, abordando as questões contextuais onde o mesmo está inserido, e em quais aspectos os contextos educativos podem contribuir ou não para prática do cyberbullying.

PALAVRAS-CHAVE: Cyberbullying • Incidência • Análise de consequências • Diagnóstico • Educação superior.

ABSTRACT

The Cyberbullying is made with a new expression of bullying while aggression, threat and discomfort provocation, premeditated and repeated, performed using technological communication devices. Although studies on cyberbullying are relatively recent, It's evident that malaise affects all stakeholders in the education context, above all has directly involved (victims and aggressors). Based on some indicators of some studies performed above that regarding, there is the importance of the studies that seek understand the phenomenon more widely, addressing the contextual issues where it's insert and which aspects of the educational contexts may or may not contribute to the practice of cyberbullying.

KEY WORDS: Cyberbullying • Incidence • Consequence analysis • Diagnosis • Education, higher.

- 1 Faculdade de Psicologia - Universidade de Lisboa (Doutorando em Psicologia, especialidade em Psicologia da Educação; Bolsista CAPES pelo Programa de Doutorado Pleno no Exterior Bolsista -Proc. n.º BEX 1710/13-3).
- 2 Faculdade de Psicologia - Universidade de Lisboa (Professora Associada com Agregação).
- 3 Faculdade de Psicologia - Universidade de Lisboa (Psicóloga do Serviço à Comunidade e Mestre em Psicologia da Educação).



INTRODUÇÃO

A partir da década de 60, com o rápido avanço das tecnologias, novos desafios têm surgido à educação no que se refere às novas formas de vitimização que emergem no contexto educativo. Nos dias atuais, o uso extensivo das tecnologias da informação e comunicação (TIC), incluindo a internet e os telefones móveis (SMITH *et al.*, 2008), transformou a atmosfera da aprendizagem tradicional num mundo cibernético em que os alunos podem obter novas vivências e sentimentos. Esse fato levou Ribeiro *et al.*, (2011) a afirmarem que os exponenciais aumentos das TIC repercutem-se em diversos fenômenos sociais que acompanham essa evolução, pautados nas implicações do uso das tecnologias.

Nesse cenário de novos fenômenos sociais consequentes das implicações do uso das tecnologias (MARTÍ-VILAR *et al.*, 2013) fazemos menção ao cyberbullying como uma nova manifestação do bullying que ocorre através de tecnologias modernas por meio de telefones móveis ou da internet (SLONJE e SMITH, 2008). Referimos, neste caso, a difusão de informações eletrônicas de forma prejudicial e difamatória através de mídias, tais como e-mails, mensagens instantâneas, mensagens de texto através dos telefones móveis ou através de publicação de vídeos e fotografias em sites e redes sociais (GARAIGORDOBIL, 2011; HINDUJA e PATCHIN, 2007) 2011, HINDUJA e PATCHIN, 2007.

Estudos sobre cyberbullying são relativamente recentes, publicados principalmente nos últimos dez anos (MENESINI e SPIEL, 2012). Levando em consideração as experiências ameaçadoras vivenciadas entre os jovens de diferentes países e culturas, sua prevalência, incidência e formas

de ocorrência têm sido objeto de estudo e intervenção em diversos países (ORTEGA *et al.*, 2008). Tendo em vista a repercussão negativa à aprendizagem, aos aspectos sociais e afetivos dos envolvidos, em seus mais diferentes níveis de escolarização, indica que a universidade não está salvaguardada desse problema.

Algumas investigações têm verificado que o cyberbullying está associado, inicialmente, à qualidade da aprendizagem dos estudantes, trazendo consequências à saúde psíquica e ao ajustamento psicológico adequado (HINDUJA e PATCHIN, 2010; MOLCHO *et al.*, 2009), angústia, depressão, baixa autoestima (MASON, 2008, SCHENK e FREMOUW, 2012; YBARRA e MITCHELL, 2004; YBARRA *et al.*, 2006).

Evidenciamos ainda a existência de uma correlação do cyberbullying com a segurança e ao bem estar dos estudantes (KEPENEKCI e CINKIR, 2006; LI, 2007; MASON, 2008; SOUZA, 2011; SOUZA *et al.*, 2012), estando ainda correlacionado com repercussões negativas nos ambientes educacionais (SOUZA e VEIGA SIMÃO, 2013).

Ao mesmo tempo, tais repercussões têm colocado em xeque o conceito e função do contexto educativo e comprometendo o que deveria ser a identidade do contexto educacional: lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem, de construção e solidificação de valores éticos, de formação de espíritos críticos, pautados no diálogo e no reconhecimento da diversidade (ABROMOVAY e RUA, 2002). Espaço propiciador de aprendizagem, como também de construção de vínculos e afectos, ambos marcados por um processo de relação entre pessoas, objectos e símbolos, contextualizada no tempo e no espaço



(FREIRE *et al.*, 2006).

A partir da revisão de literatura sobre o cyberbullying, bem como da reflexão das informações por essa via coletada, o presente artigo objetiva discurrir sobre algumas definições e operacionalizações do fenômeno, apontando para a sua incidência no ensino superior, suas características, bem como as consequências na vida dos estudantes universitários.

Por outro lado, ressaltamos a importância e necessidade de continuar estudos nessa área, bem como sensibilizar as instituições de ensino superior para o desenvolvimento e implementação de ações e práticas educativas promotoras do bem-estar psicossocial (MASCARENHAS e MARTINEZ, 2012), por meio da convivência social ética, de acolhimento, apoio e reconhecimento das potencialidades individuais, respeito à diversidade, integração pessoal e criação de climas relacionais positivos.

CYBERBULLYING: DEFINIÇÕES E CARACTERIZAÇÕES DO PROBLEMA

Acredita-se que o termo cyberbullying foi inicialmente mencionado por Bill Belsey, educador canadense, que conceituou o fenômeno como o uso das TIC, seja por uma pessoa ou um grupo, de forma deliberada, repetitiva e hostil, com a intenção de prejudicar uma pessoa ou um grupo (BELSEY, 2005).

O cyberbullying constitui uma nova expressão do bullying enquanto agressão, ameaça e provocação de desconforto, sendo premeditadas e repetidas, realizadas com recurso de dispositivos tecnológicos de comunicação (e.g. e-mail, chat, blogue, telemóvel, etc.), contra uma vítima de es-

tatuto semelhante, mas que tem dificuldade em defender-se (AMADO *et al.*, 2009).

Autores como Ortega *et al.* (2009) têm caracterizado o cyberbullying como a utilização das novas tecnologias em todas as suas possibilidades para o comportamento hostil, de intimidação e agressão contra um ou contra outros.

Para Novo (2009) o fenômeno é caracterizado como todas as ações intencionais e repetidas, levadas a cabo por terceiros para molestar, humilhar, denegrir ou assediar um indivíduo usando recursos tecnológicos. As ações podem manifestar-se das mais variadas formas, sobretudo através de imagens, textos, ou mesmo áudio e vídeo. "Os efeitos que produzem vão desde o isolamento social, insucesso escolar, perturbações do sono, na alimentação, às tentativas de suicídio ou suicídio propriamente consumado" (SOUZA, 2011, p. 7).

Já para Price e Dalglish (2010), o termo usado para definir as formas agressivas e intencionais de prejudicar alguém por meio da utilização eletrônica tais como a Internet e os telemóveis. Evidencia-se que o cyberbullying, ou até mesmo o bullying face a face, envolve tipicamente o comportamento repetido e um desequilíbrio de poder entre agressor e vítima.

Para fins de operacionalização, o cyberbullying é conotado por alguns autores como um tipo de agressão relacional (relational aggression) ou bullying psicológico (rumores, exclusão social, calúnias) (CASIDY *et al.*, 2013). No bullying presencial, esta forma de agressão está associada de forma mais significativa ao gênero feminino, enquanto que nos incidentes de cyberbullying, parece ter uma maior manifestação no gênero masculino (ORTEGA, *et al.*, 2009).



INCIDÊNCIA E PREVALÊNCIA DO CYBERBULLYING

No sentido de identificar a incidência e prevalência do ciclo bullying/cyberbullying, muitos estudos têm constatado que o problema está presente em todos os contextos e culturas, afetando de forma transversal todos os níveis de escolaridade. Ao mesmo tempo, Shetgiri *et al.* (2013) salientam uma significativa mudança na prevalência do bullying relativamente a sua forma de manifestação e do tipo de envolvimento, verificando-se uma maior prevalência do bullying/cyberbullying nos anos de transição escolar (CASTILLO, 2010; SOUZA, 2011).

Em contrapartida, há de se referir a pertinência do estudo de Chapell *et al.* (2006), em que, através de 119 estudantes de graduação, analisaram a continuidade de ser agressor, vítima ou vítima-agressor de bullying desde os anos do ensino fundamental à universidade. Os autores verificaram que mais de 70% dos alunos que foram vítimas na escola também foram intimidados na universidade. Ao mesmo tempo, mais de 50% dos estudantes que tinham sido vítimas-agressores ou agressores no ensino fundamental e médio repetiram o mesmo padrão de comportamento na universidade (CHAPELL, *et al.*, 2006). Tal fato revela a pertinência de maiores investigações entre os estudantes universitários, visto que as instituições de ensino superior não estão isentas da ocorrência do fenômeno.

Com o objetivo de identificar a incidência do cyberbullying no contexto do ensino superior, Macdonald e Roberts-Pittman (2010) desenvolveram um estudo com 439 estudantes dos Estados Unidos, sendo a amostra composta por 71,9% do sexo

feminino e 28,1% do sexo masculino. Os autores identificaram que 38% dos participantes relataram conhecer alguém que tinham sido vítima de cyberbullying, 21,9% relataram ter sido vítimas e 8,6 % informaram já ter agredido alguém.

Já em pesquisa realizada por Akbulut (2011) com 245 estudantes universitários da Turquia para identificar a extensão do fenômeno numa universidade pública, os autores utilizaram um formulário de informações pessoais e um questionário composto por 56 itens que contemplavam questões relacionadas ao cyberbullying e a vitimização que fora desenvolvido e testado no presente estudo. Os resultados da investigação revelam uma relação moderada entre cyberbullying e vitimização, em que o sexo masculino possui mais suscetibilidade de ser tanto cybervítima como cyberagressor. Ainda foi possível evidenciar que as agressões ocorridas no ciberespaço eram resultantes de problemas de relacionamentos interpessoais entre os estudantes.

Nomeadamente em Portugal, um estudo de carácter exploratório desenvolvido por Souza (2011) objetivou identificar o fenômeno entre 118 estudantes universitários do ensino superior público português do 1.º ano do curso de psicologia. A partir dos dados obtidos, verificou-se que 18,6% dos participantes estiveram envolvidos como vítimas, 59,3% como testemunhas e 39,8% dos participantes mencionaram nunca terem se envolvido em casos de cyberbullying, não sendo possível identificar algum tipo de envolvimento dos participantes como agressores.

Posteriormente Francisco (2012) verificou em seu estudo, composto por uma amostra mais ampla de 349 estudantes do ensino superior português dos cursos



de psicologia e ciências da educação, que cerca de 25% dos estudantes já foram vítimas de cyberbullying algumas vezes e 2% muitas vezes, perfazendo um total de 93 alunos vítimas de cyberbullying, ou seja, 27% do total da amostra. Ainda no referido estudo a autora indentificou que cerca 8% dos alunos questionados já perpetraram algum tipo de agressão (algumas vezes), e que grande parte dos estudantes inquiridos (45.8%) refere já ter observado incidentes de vitimização, verificando-se que a maior parte das agressões envolve moças de forma individual (51.3%), seguindo-se o grupo misto, com uma grande diferença para as moças, e ainda foi possível evidenciar a presença de observadores de agressores (19,2%). Essa percentagem é bastante inferior à percentagem dos observadores das vítimas, isso porque sendo o cyberbullying um fenômeno "sem rosto" os agressores têm uma grande facilidade em manter o anonimato, e acredita-se que, quando são observados, tal acontece normalmente por sua vontade (FRANCISCO, 2012).

Na investigação realizada por Sticca, *et al.* (2013), verificou-se que uma menor prevalência ocorre em casos de cyberbullying quando comparados a casos de bullying tradicional. Uma razão possível para a diferença na prevalência pode ser o fato dos jovens passarem a maior parte do seu tempo interagindo diretamente com seus pares no mundo virtual (STICCA *et al.*, 2013), mas que traz consequências até mesmo irreversíveis no mundo real dos estudantes.

AS CONSEQUÊNCIAS DO CYBERBULLYING NA VIDA REAL DOS ESTUDANTES

Compreendemos que os fenômenos bullying/cyberbullying em contexto uni-

versitário atentam contra a saúde e integridade psicológica e, em muitos casos, física dos protagonistas, uma vez que exercem danos e traumas emocionais irreversíveis ou de difícil reversão (MASCARENHAS e MARTINEZ, 2012). A violência realizada pelos agressores e experienciada por parte das vítimas a partir do mau uso das TIC por estudantes universitários de diversos contextos e cultura possui efeitos nocivos sobre a saúde, o bem-estar, a inclusão social e a convivência positiva e saudável (FREIRE *et al.*, 2006; MASCARENHAS e MARTINEZ, 2012; SOUZA *et al.*, 2012). Suas repercussões têm colocado em xeque o conceito e função do contexto educativo, enquanto espaço propiciador de aprendizagem, de construção de vínculos e afetos, ambos marcados por um processo de relação entre pessoas, contextualizado no tempo e no espaço (SOUZA *et al.*, 2014).

Devido às extensas implicações e às consequências negativas que os comportamentos de cyberbullying causam, sobretudo nas vítimas, o problema necessita ser visto como uma questão de saúde pública e mental (DAVID-FERDON e HERTZ, 2007; SOUZA e SOARES, 2012). De fato, muitas pesquisas sugerem que o cyberbullying está relacionado a problemas comportamentais e psicossociais, incluindo raiva, agressão e quebra de regras de comportamentos (PATCHIN e HINDUJA, 2006; YBARRA *et al.*, 2007; YBARRA e MITCHELL, 2007).

Alguns autores (GOUVEIA, 2011; MASON, 2008; SCHENK e FREMOUW, 2012; YBARRA e MITCHELL, 2004; YBARRA *et al.*, 2006), mencionam que o cyberbullying apresenta ainda consequências à qualidade da aprendizagem dos estudantes, ocasionando, ainda, problemas psicológicos como angústia, depressão, baixa au-



toestima. O fenômeno é considerado um problema cada vez mais emergente, com repercussões nos ambientes educacionais, trazendo consequências ao rendimento escolar, à saúde psíquica, à segurança, ao ajustamento psicológico adequado, problemas psicossomáticos, e ao bem-estar dos estudantes e, em casos mais graves, podendo levar à morte (HINDUJA e PATCHIN, 2010; KEPENEKCI e CINKIR, 2006; LI, 2007; MASON, 2008; MOLCHO *et al.*, 2009; SOUZA, 2011).

CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES NA IDENTIFICAÇÃO DO FENÔMENO

Com o avanço das investigações a respeito do tema e das características encontradas nos estudos desenvolvidos, além dos critérios estabelecidos por Olweus (1993), outros critérios de identificação do fenômeno têm surgido a fim de melhor delimitar o problema, tais como o anonimato e a publicidade (SLONJE e SMITH, 2008).

Willard (2007) identifica sete categorias de violência verbal e escrita através das novas tecnologias bastante relevantes para uma melhor compreensão e identificação do cyberbullying, sendo elas: a) *Flaming*: envio de mensagens vulgares ou que mostram hostilidade em relação a uma pessoa. Essa mensagem pode ser enviada para um grupo *online* ou para a própria pessoa hostilizada, via e-mail ou mensagem de texto (SMS); b) *Agressão online*: envio repetido de mensagens ofensivas via e-mail ou SMS a uma pessoa; c) *Cyberstalking*: agressão online que inclui ameaças de dano ou intimidação excessiva; d) *Difamação*: envio de mensagens para terceiros ou postagem de comentários em ambientes digitais de caráter prejudicial, com informações falsas e afirmações cruéis sobre uma pessoa; e)

Substituição ilegal da pessoa: fazer-se passar pela vítima e enviar ou postar arquivos de texto, vídeo ou imagem que difamem o agredido; f) *Outing*: relacionado ao fato de enviar ou postar material sobre uma pessoa contendo informação sensível, privada ou constrangedora, incluídas respostas de mensagens privadas ou imagens; g) *Exclusão*: que seria a cruel expulsão de algum indivíduo de um grupo *on-line*.

Ainda conforme proposto por Willard (2007), é possível que o dano causado pelo *cyberbullying* possa ser maior que o causado pelo *bullying* tradicional, pois a comunicação *on-line* pode ser extremamente cruel, uma vez que o material pode ser distribuído em todo o mundo, sendo, na maioria das vezes, irrecuperável, não existindo formas de livrar-se quando a vitimização está em curso.

Gouveia (2011) alerta especificamente sobre a questão da intencionalidade, elemento chave nas definições de violência, agressão e de bullying/cyberbullying. Todavia, os atos de agressão repetidos e persistentes no tempo geram um profundo nível de intimidação e de medo, comparativamente com qualquer outro ato de agressão que ocorra de forma ocasional, e isso, sim, caracteriza o fenômeno de bullying (GOUVEIA, 2011).

Outro aspecto a ser considerado refere-se ao anonimato, caracterizado pela dificuldade da identificação do agressor por ser praticado onde existam recursos necessários, seja na faculdade, em casa ou na rua (PESSOA *et al.*, 2011), aumentando ainda mais o sofrimento, frustração e sentimento de impotência da vítima (DOOLEY *et al.*, 2009; NOCENTINI *et al.*, 2010; SLONJE e SMITH, 2008).

No que se refere à questão da publici-



dade, caracteriza-se pelos atos onde um grande público está envolvido, ou seja, através de e-mails, SMS, MMS enviados para um grande público, como também infrações ocorridas em um fórum público, postagem de vídeos e/ou imagens distribuídas através de redes sociais (NOCENTINI *et al.*, 2010).

No estudo de Francisco (2012) antes mencionado, verificou-se que a apropriação da imagem da vítima parece ser outra componente específica do cyberbullying. Tal fato refere-se à utilização da imagem da vítima, quer a imagem em si mesma (usar a imagem da vítima sem autorização), quer a identidade da vítima (fazer-se passar pela vítima), revelando-se a competência tecnológica dos agressores (CASSIDY *et al.*, 2013).

Outro aspecto relevante a ser considerado diz respeito ao envolvimento dos agressores, em que, assim como nos casos de bullying, os episódios de vitimização apontam para uma agressão direta e indireta, ambas em busca de um prazer ou lucro através dos maus tratos de outro indivíduo ou até mesmo de um grupo (HINDUJA e PATCHIN, 2007).

Uma diferença entre o bullying face a face e cyberbullying pode referir-se à relação de poder inerente ao fenômeno. Segundo Hinduja e Patchin (2007), enquanto que, no bullying presencial, a força ou estatura física muitas vezes transmite uma sensação de segurança ao agressor, no caso específico do cyberbullying, a presença da tecnologia pode resultar no mesmo sentimento de segurança devido ao aspecto do anonimato. Isso requer ainda mais a atenção dos seus intervenientes sobre o que pode ser feito em termos de prevenção e intervenção.

Por outro lado, começam a surgir muitos estudos com o objetivo de identificar os fatores de risco e de proteção que estão associados ao cyberbullying (FANTI *et al.*, 2012; GARCÍA-MALDONADO *et al.*, 2012; MENESINI e SPIEL, 2012; STICCA *et al.*, 2013). O que é comum na maior parte dos estudos e que se apresenta relevante diz respeito à abordagem ecológica ao cyberbullying, sendo o clima do ambiente universitário um fator relevante a ser estudado e que se relaciona com o risco e proteção do problema.

Nesse sentido, as Instituições de Ensino Superior precisam articular políticas de prevenção e de intervenção de uma forma consciente, responsável e democrática, para que, quando ocorram casos graves de bullying/cyberbullying, todos estejam preparados para atuar com responsabilidade social e de forma segura (OLIVEIRA e GOMES, 2012).

Martins (2009) salienta que se devem incluir estratégias pedagógicas que se têm revelado eficazes na prevenção desse tipo de problemas, tais como a resolução de conflitos de forma não violenta, a discussão de dilemas hipotéticos e da vida real, a dramatização e representação de papéis, a promoção da assertividade e das competências da comunicação social, etc. Tal aspecto também é mencionado por Calbo *et al.* (2009) ao alertar sobre a importância da priorização de ações de prevenção nas diversas instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas, objetivando a garantia da saúde e do bem-estar de toda a comunidade educativa. Logo, a construção de um clima positivo em que todos se sintam seguros e confiantes, onde haja espaço para o desenvolvimento de boas relações humanas, onde haja espaço para ensinar e para aprender, é e continuará a ser



cada vez mais uma preocupação dos administradores institucionais, dos professores e dos pais (FREIRE *et al.*, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O cyberbullying entre os pares coloca os alunos em uma ilha virtual sem supervisão e com poucas regras, o que permite que o bullying evolua, tornando-se perigoso, alcançando até os mesmos níveis potencialmente fatais” (SHARIFF, 2011, p. 170).

De acordo com os estudos revistos, a incidência do cyberbullying no ensino superior se apresenta menor do que nos anos escolares precedentes. Contudo, a intervenção nessa área é de extrema importância, tanto para a sua saúde mental dos jovens como para o seu sucesso acadêmico.

A taxa de incidência mais baixa pode relacionar-se com a possibilidade de o ambiente universitário aceitar melhor a diferença, ou dever-se ao fato dos jovens adultos estarem mais bem informados acerca de relações saudáveis e, dessa forma, procurarem ativamente evitar ou tomar medidas para prevenir essas situações.

Já se sabe, a partir das investigações existentes, que a vitimização é prejudicial nas crianças, contudo ainda não se tem uma noção clara do seu impacto em adolescentes mais velhos e jovens adultos. Os estudantes universitários também revelam consequências negativas ao nível acadêmico: fraca concentração, baixo desempenho e absentismo. Dessa forma, parece que os estudantes universitários apresentam tanto risco de sofrer de problemas psicológicos e de dificuldades acadêmicas, como as crianças (BERAN *et al.*, 2012).

Afigura-se fundamental investir na prevenção desse problema. Contudo, e lembrando que a investigação sobre o cyberbullying é ainda relativamente recente, poucos são os programas ou diretrizes para enfrentar e prevenir esse fenômeno, ao contrário do problema do bullying escolar que foi examinado nas duas últimas décadas e, como resultado, muitas escolas têm desenvolvido programas de prevenção eficazes (LI, 2007a).

De acordo com Li (2007b), muitos estudantes possuem conhecimentos superficiais sobre segurança no ciberespaço, no entanto, pensam possuir esse conhecimento. Esse fato pode torná-los mais vulneráveis à vitimização, salientando que as intervenções se foquem na segurança no ciberespaço (PRICE e DALGLEISH, 2010), pois para muitas vítimas, a utilização que fazem das TIC cria outra forma de vulnerabilidade (DAVID-FERDON e HERTZ, 2007).

Por esse motivo, devem tomar maior responsabilidade na utilização das tecnologias (LI, 2010) e a capacidade de pensamento crítico deve ser estimulada de forma a serem capazes de se proteger de uma má utilização das TIC (DOOLEY *et al.*, 2009), bem como deve ser promovida a utilização positiva das tecnologias (PYŻALSKI, 2011).

Considera-se que a segurança no ciberespaço não deve ser apenas trabalhada por profissionais especializados em TIC, mas envolver também psicólogos educacionais que sejam capazes de perceber as motivações que levam os alunos a correrem tantos riscos e, a partir daqui, tentar colmatar algumas necessidades que poderão estar inerentes a essa atitude e ajudar os jovens, nesse sentido. O psicólogo deve também investir no desenvolvimento de



atitudes saudáveis perante as TIC, desde idades precoces, e visando não só alunos como pais, professores e todos os que fazem parte da comunidade educativa.

Outra questão que pode ter implicações nas estratégias de prevenção adotadas relaciona-se com a relação entre bullying e cyberbullying. Sabe-se que o envolvimento no bullying face a face é um forte preditor de cyberbullying e cybervitimização. Sabe-se também que as vítimas de bullying são mais propensas a ser cybervítimas e, de forma semelhante, os agressores de bullying têm maior probabilidade de agredir outros no ciberespaço. Atendendo a que o bullying face a face é o fator longitudinal de maior risco para o cyberbullying, os programas de prevenção do bullying poderão indiretamente ter repercussões no cyberbullying (SALMIVALLI *et al.*, 2011).

Por esses motivos, surge uma questão importante a ser considerada quando se lida com o cyberbullying e se trabalha em programas de prevenção: um programa de prevenção eficaz deve ter em conta bullies, cyberbullies e as suas vítimas, e não apenas a prática corrente de tratar cada grupo separadamente (LI, 2007b). É essencial que os profissionais que atuam no contexto universitário desenhem programas capazes de abranger as necessidades e competências de todos os intervenientes, mostrando-se, assim, fundamentais na ativação de estratégias de sensibilização de toda a rede educativa (BERAN *et al.*, 2012).

Tem-se verificado que os observadores em situações de bullying possuem um papel importante (GOUVEIA, 2011) e, por isso, exige-se uma perspectiva holística desses programas, considerando agres-

sores, vítimas e observadores como um todo. Educar vítimas e observadores de cyberbullying pode ser uma estratégia-chave no combate desse fenómeno, e concentrar a atenção no *empowerment* desses dois grupos de envolvidos pode prevenir uma quantidade significativa de cyberbullying (LI, 2007b). Também a “apatia dos espectadores” (LAZURAS e OURDA, 2012) pode implicar o trabalho do psicólogo, envolvendo os alunos, com o objetivo de transformar atitudes mais passivas dos observadores em atitudes ativas de ajuda às vítimas.

Talvez pelo fato de o cyberbullying não ser frequentemente discutido nas instituições de ensino superior, os estudantes não veem a comunidade educativa como recurso útil quando se trata de lidar com o cyberbullying, e tendem a contar mais aos pais do que aos professores (AGATSTON *et al.*, 2007). Por esse motivo, considera-se importante fortalecer os laços entre os alunos, instituições de ensino e a família, tentando melhorar a comunicação entre todos os intervenientes, bem como a percepção mais aguçada desse tipo de comportamento.

Importa salientar que os programas antibullying e anticiberbullying devem ser um esforço sistemático e conjunto da sociedade em geral, e não apenas um projeto de âmbito escolar (LI, 2007a) ou universitário. Portanto, as instituições de ensino devem educar os profissionais, pais e alunos e estabelecer passos a serem seguidos quando acontece um episódio de cyberbullying (LI, 2010) de forma a lidar com a situação o mais cedo possível. Para além dessas questões, os psicólogos escolares, bem como outros intervenientes (pais, professores, etc) devem estar informados acerca da legislação relativa ao assédio e provedores



de internet (STANTON e BERAN, 2009).

A ideia base da intervenção será a de passar para lá dos muros das Instituições de Ensino Superior, tornando o papel dos pais mais ativo e interventivo nessas situações, quer na prevenção, quer na sinalização de casos e adequação da futura resposta em casos de bullying e cyberbullying. Uma vez que existe certa reticência das vítimas e observadores em pedir ajuda, é importante que se criem formas diversas e fáceis dos alunos pedirem ajuda, como por exemplo, uma linha telefônica, e-mails, etc., possibilitando o seu anonimato (LI, 2010).

A intervenção deve ter como foco a qualidade das relações entre pares (PRICE e DALGLEISH, 2010) e o fomento de um clima universitário de respeito (CAMPBELL, 2007), valorizando as relações positivas e a coesão social. Um bom programa de intervenção necessita de partir de uma avaliação do nível de cyberbullying nas instituições de ensino e do impacto que tem nos estudantes e no clima educacional (HINDUJA e PATCHIN, 2009). Contudo, esse impacto não se relaciona apenas com as vítimas e observadores; a segurança

e bem-estar dos agressores também são uma preocupação. Assim, não podemos esquecer que os agressores também têm um lugar na intervenção, sendo necessário intervir para auxiliar na mudança do seu comportamento.

Abordar a problemática do cyberbullying sob esta perspectiva significa aprofundar uma visão sistêmica e multifacetada dos fatores e das formas de intervenção perante o problema, onde os atores do contexto universitário se sintam investidos de uma responsabilidade ética para intervir e apoiar os que precisam (SOUZA et al., 2014, p. 583).

Pensamos, ainda, que o cyberbullying necessita de estudos mais alargados, que permitam a comparação entre os contextos educativos, no sentido de evidenciar os aspectos que constituem fatores potenciadores ou, pelo contrário, protetores do fenómeno da violência nos contextos de aprendizagem e sirvam para o desenvolvimento de proposições que contribuam para o seu enquadramento na contemporaneidade.



REFERÊNCIAS

ABROMOVAY, M.; RUA, M. D. G. *Violências nas escolas*: Brasília: UNESCO. 2002.

AGATSTON, P. W., et al. Students' perspectives on cyber bullying. *J Adolesc Health*, v. 41, n. 6 Suppl 1, p. S59-60, Dec 2007.

AKBULUT, Y. E., BAHADIR. Cyberbullying and victimization among Turkish university students. *Australasian Journal of Educational Technology*, v. 27, n. 7, p. 1155-1170, 2011.

AMADO, J., et al. *Cyberbullying: um novo campo de investigação e de formação*. Atas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009. p. 301-326

BELSEY, B. Cyberbullying: An emerging threat to the always on generation. 2005. Disponível em: < http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Article_by_Bill_Belsey.pdf >. Acesso em: 11 fev 2014.

BERAN, T. N., et al. Evidence for the need to support adolescents dealing with harassment and cyberharassment. *School Psychology International*, n. 33, p. 562-576, 2012.

CALBO, A. S., et al. Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. *Contextos Clínicos*, v. 2, n. 2, p. 73-80, 2009. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200001&nrm=iso >.

CAMPBELL, M. Cyberbullying and young people: treatment principles not simplistic advice. *QUT*, 2007. Disponível em: <http://eprints.qut.edu.au/14903/1/14903.pdf>. Acesso em: 14 fev 2014

CASSIDY, W., et al. Cyberbullying among youth: a comprehensive review of current international research and its implications and application to policy and practice. *School Psychology International*, v. 34, n. 6, p. 575-612, 2013.

CASTILLO, A. E. Estudio descriptivo de las estrategias de afrontamiento del bullying, en profesorado mexicano. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, v. 8, n. 1, p. 353-372, 2010.

CHAPELL, M. S., et al. Bullying in elementary school, high school, and college. *Adolescence*, v. 41, n. 164, p. 633-48, Winter 2006.

DAVID-FERDON, C.; HERTZ, M. F. Electronic media, violence, and adolescents: an emerging public health problem. *J Adolesc Health*, v. 41, n. 6 Suppl 1, p. S1-5, Dec 2007.

DOOLEY, J. J., et al. Cyberbullying versus face-to-face bullying: a theoretical and conceptual review. *Zeitschrift für Psychologie/Journal of Psychology*, v. 217, n. 4, p. 182-188, 2009.

FANTI, K. A., et al. A longitudinal study of cyberbullying: examining risk and protective factors. *European Journal of Developmental Psychology*, v. 9, n. 2, p. 168-181, 2012. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1080/17405629.2011.643169> >.

FRANCISCO, S. M. *Cyberbullying: a faceta de um fenómeno em jovens universitários portugueses*. 2012. (Dissertação). Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia, 2012.



FREIRE, I. P., et al. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico : um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 19, n. 2, p. 157-183, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So871-91872006000200008&nrm=iso>.

GARAIGORDOBIL, M. Prevalencia y consecuencias del cyberbullying: una revision. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, v. 11, n. 2, p. 233-254, 2011.

GARCÍA-MALDONADO, G., et al. Factores de riesgo y consecuencias del cyberbullying en un grupo de adolescentes: Asociación con bullying tradicional. *Boletín médico del Hospital Infantil de México*, v. 69, n. 6, p. 463-474, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-11462012000600007&nrm=iso>.

GOUVEIA, S. J. S. *Bullying escolar: os observadores e o seu papel supremo ao término deste fenómeno.* 2011. (Dissertação). Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia, Lisboa: Secção de Psicologia Clínica e da Saúde - Núcleo de Psicoterapia Cognitivo, Comportamental e Integrativa, 2011.

HINDUJA, S.; PATCHIN, J. W. Offline Consequences of Online Victimization. *Journal of School Violence*, v. 6, n. 3, p. 89-112, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1300/J202vo6no3_06>.

HINDUJA, S.; PATCHIN, J. W. *Bullying beyond the schoolyard: preventing and responding to cyberbullying:* Thousand Oaks, CA: SAGE Publications. 2009.

HINDUJA, S.; PATCHIN, J. W. Bullying, cyberbullying, and suicide. *Arch Suicide Res*, v. 14, n. 3, p. 206-21, 2010.

KEPENEKCI, Y. K.; CINKIR, S. Bullying among Turkish high school students. *Child Abuse Negl*, v. 30, n. 2, p. 193-204, Feb 2006.

LAZURAS, L.; OURDA, D. Using positive educational interventions to prevent cyberbullying incidents in adolescence. 2012. Disponível em: <http://www.bullyingandcyber.net/media/cms_page_media/59/Lazuras%20et%20al2..pdf>. Acesso em: 11 fev 2014.

LI, Q. Bullying in the new playground: Research into cyberbullying and cyber victimization. *Australasian Journal of Educational Technology*, v. 23, n. 4, p. 435-454, 2007.

LI, Q. New bottle but old wine: A research of cyberbullying in schools. *Computers in Human Behavior*, v. 23, n. 4, p. 1777-1791, 2007. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563205000889>>.

LI, Q. Cyberbullying in High Schools: A Study of Students' Behaviors and Beliefs about This New Phenomenon. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, v. 19, n. 4, p. 372-392, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/10926771003788979>>.

MACDONALD, C. D.; ROBERTS-PITTMAN, B. Cyberbullying among college students: prevalence and demographic differences. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, v. 9, n. 0, p. 2003-2009, 2010. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042810025413>>.



MARTÍ-VILAR, M., et al. La universidad ¿en la era del conectivismo? un abordaje a las implicaciones de la investigación, la formación y la transferencia. *Revista @mbienteeducação* v. 6, n. 2, p. 210-223, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/edevanete/Downloads/Educa%C3%A7%C3%A3o_02_2013_210-223%20(4).pdf. Acesso em: 12 fev 2014

MARTINS, M. J. D. *Maus tratos entre adolescentes na escola*: Penafiel: Editorial Novembro. 2009.

MASCARENHAS, A. N.; MARTINEZ, J. M. A. Ocorrência do bullying/cyberbullying como desrespeito à diversidade e à cidadania no contexto universitário amazônico. *Revista EDUCAmazônia*, v. 8, n. 1, p. 150-161, 2012.

MASON, K. L. Cyberbullying: A preliminary assessment for school personnel. *Psychology in the Schools*, v. 45, n. 4, p. 323-348, 2008. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1002/pits.20301> >.

MENESINI, E.; SPIEL, C. Introduction: cyberbullying: development, consequences, risk and protective factors. *European Journal of Developmental Psychology*, v. 9, n. 2, p. 163-167, 2012. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1080/17405629.2011.652833> >.

MOLCHO, M., et al. Cross-national time trends in bullying behaviour 1994-2006: findings from Europe and North America. *Int J Public Health*, v. 54 Suppl 2, p. 225-34, Sep 2009.

NOCENTINI, A., et al. Cyberbullying: Labels, Behaviours and Definition in Three European Countries. *Australian Journal of Guidance and Counselling*, v. 20, n. 02, p. 129-142, 2010. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1375/ajgc.20.2.129> >. Acesso em: 2010.

NOVO, C. Bullying e as tecnologias da comunicação: do uso ao abuso. *Revista Interações*, v. 5, n. 13, p. 327-337, 2009.

OLIVEIRA, J. R.; GOMES, M. A. Bullying: reflexões sobre a violência no contexto escolar. *Revista Educação por Escrito* v. 2, n. 2, p. 2-14, 2012.

OLWEUS, D. *Bullying at School: What We Know and What We Can Do*: Oxford: Wiley. 1993.

ORTEGA, R., et al. Cyberbullying. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, v. 8, n. 2, p. 183-192, 2008.

ORTEGA, R., et al. The emotional impact on victims of traditional bullying and cyberbullying. *Zeitschrift für Psychologie/ Journal of Psychology*, v. 217, n. 4, p. 197-204, 2009.

PATCHIN, J. W.; HINDUJA, S. Bullies Move Beyond the Schoolyard: A Preliminary Look at Cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, v. 4, n. 2, p. 148-169, 2006. Disponível em: < <http://yvj.sagepub.com/content/4/2/148.abstract> >.

PESSOA, T., et al. Cyberbullying - do diagnóstico de necessidades à construção de um manual de formação. *Revista Interuniversitaria* v. 18, p. 57-70, 2011.

PRICE, M.; DALGLEISH, J. Cyberbullying: Experiences, impact and coping strategies as described by Australian young people. *Youth Studies Australia*, v. 29, n. 2, p. 51-59, Jun 2010.

PYŻALSKI, J. Electronic aggression and cyberbullying: an old house with a new facade? new communication technologies in young people's lives. 2011. Disponível em: < http://laringsmiljosenteret.uis.no/getfile.php/SAF/Til%20nedlast/robusd-modul%205_eng.pdf >. Acesso em: 16 mar 2014.



RIBEIRO, K. R., et al. *Bullying e cyberbullying: estudo bibliométrico quantitativo e temporal das publicações nacionais e internacionais*. Confederación Iberoamericana de Asociaciones Científicas y Académicas de la Comunicación. São Paulo, 2011. p. 1-10

SALMIVALLI, C., et al. Counteracting bullying in Finland: the KiVa program and its effects on different forms of being bullied. *International Journal of Behavioral Development*, n. 35, p. 405-411, 2011. Disponível em: <<http://jbd.sagepub.com/content/early/2011/07/19/0165025411407457.abstract>>.

SCHENK, A. M.; FREMOUW, W. J. Prevalence, psychological impact, and coping of cyberbully victims among college students. *Journal of School Violence*, v. 11, n. 1, p. 21-37, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/15388220.2011.630310>>.

SHARIFF, S. *Cyberbullying: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família*: Porto Alegre: Artmed. 2011.

SHETGIRI, R., et al. Trends in risk and protective factors for child bullying perpetration in the United States. *Child Psychiatry Hum Dev*, v. 44, n. 1, p. 89-104, Feb 2013.

SLONJE, R.; SMITH, P. K. Cyberbullying: another main type of bullying? *Scand J Psychol*, v. 49, n. 2, p. 147-54, Apr 2008.

SMITH, P. K., et al. Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *J Child Psychol Psychiatry*, v. 49, n. 4, p. 376-85, Apr 2008.

SOUZA, S. B. *Cyberbullying: estudo exploratório sobre as perspectivas acerca do fenómeno e das estratégias de enfrentamento com jovens universitários portugueses*. 2011. (Dissertação). Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia, 2011.

SOUZA, S. B.; SOARES, R. P. F. *Violência em contexto educativo: por uma ecologia do desenvolvimento e promoção da saúde mental* Anais do IV Congresso Internacional da Criança e do Adolescente. São Paulo: Centro de Estudos do Crescimento e Desenvolvimento do Ser Humano, 2012. p. 505

SOUZA, S. B.; VEIGA SIMÃO, A. M. *Cyberbullying e ambientes universitários: a importância de ações educativas promotoras da convivência saudável entre os estudantes*. Anais do IV Congresso Internacional da Criança e do Adolescente. São Paulo: Centro de Estudos do Crescimento e Desenvolvimento do Ser Humano, 2013. p. 228

SOUZA, S. B., et al. *Cyberbullying: vivências e perspectivas dos alunos do ensino superior* Anais do IV Congresso Internacional da Criança e do Adolescente. São Paulo: Centro de Estudos do Crescimento e Desenvolvimento do Ser Humano, 2012. p. 282

SOUZA, S. B., et al. Cyberbullying: percepções acerca do fenómeno e das estratégias de enfrentamento. *Revista Psicologia, Reflexão e Crítica*, v. 27, n. 3, p. 582-590, 2014.

STANTON, L.; BERAN, T. A review of legislation and bylaws relevant to school bullying. *McGill Journal of Education*, v. 44, n. 2, p. 245-260, 2009.



STICCA, F., et al. Longitudinal risk factors for cyberbullying in adolescence. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, v. 23, n. 1, p. 52-67, 2013. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1002/casp.2136> >.

WILLARD, N. E. *Cyberbullying and Cyberthreats: Responding to the Challenge of Online Social Aggression, Threats, and Distress*: Research Press. 2007.

YBARRA, M. L., et al. The co-occurrence of Internet harassment and unwanted sexual solicitation victimization and perpetration: associations with psychosocial indicators. *J Adolesc Health*, v. 41, n. 6 Suppl 1, p. S31-41, Dec 2007.

YBARRA, M. L.; MITCHELL, K. J. Online aggressor/targets, aggressors, and targets: a comparison of associated youth characteristics. *J Child Psychol Psychiatry*, v. 45, n. 7, p. 1308-16, Oct 2004.

YBARRA, M. L.; MITCHELL, K. J. Prevalence and frequency of Internet harassment instigation: implications for adolescent health. *J Adolesc Health*, v. 41, n. 2, p. 189-95, Aug 2007.

YBARRA, M. L., et al. Examining Characteristics and Associated Distress Related to Internet Harassment: Findings From the Second Youth Internet Safety Survey. *Pediatrics*, v. 118, n. 4, p. e1169-e1177, October 1, 2006 2006. Disponível em: < <http://pediatrics.aappublications.org/content/118/4/e1169.abstract> >.

RECEBIDO em 05/11/2013

APROVADO em 14/12/2013